

SEPARATISMO E ANTI-RAZÃO

*René E. Gertz**

A questão do separatismo pode ser discutida em bases racionais. Na década de 70, o conhecido Historiador Eric Hobsbawm travou uma célebre polêmica sobre o tema com Tom Nairn. Em traços gerais, o argumento de Hobsbawm contra o desmembramento de Estados é o de que a fragmentação enfraquece o poder de barganha dessas novas unidades frente àqueles que mantêm sua unidade. Assim, mesmo que possam existir razões históricas, culturais, religiosas, sociais e outras que falem a favor da separação, esta, numa perspectiva mais ampla, só vem a beneficiar os "grandes" e, por isso, é não recomendável. O argumento é racional¹ (NAIRN et al, 1978).

Da mesma forma, há argumentos racionais a favor do separatismo. Se determinada região está obrigada a sustentar economicamente outra região através de seus impostos, se uma região está injustamente sub-representada no parlamento nacional, se uma região foi anexada a outro país durante uma guerra — todos estes e muitos outros argumentos são racionais, porque passíveis de discussão e, ao menos em tese, testáveis. O grau de racionalidade ou a consistência do argumento, tanto a favor quanto contra o separatismo, podem depender, evidentemente, do grau de informação do indivíduo que argumenta. Hobsbawm é um grande estudioso do sistema capitalista a nível planetário e deve ter suas razões para defender a tese que defende. Um cidadão comum do Interior do Rio Grande do Sul pode ter ouvido, lido ou visto na televisão que um percentual elevado dos impostos arrecadados no Estado vão para a SUDENE e que esta escava poços artesianos nas fazendas dos maiores latifundiários do Nordeste — a informação pode não ser correta em última instância, mas, dentro do nível de informação desse cidadão, a defesa do separatismo como forma de estancar a sangria de valores gerados no sul e que são canalizados para alimentar a corrupção da elite nordestina é racional.

E a discussão sobre o separatismo é em parte racional. Mas a discussão racional, em geral, não cativa grandes multidões, não desencadeia e alimenta "movimentos". Daí a infiltração dos elementos irracionais presentes na discussão e na prática em torno do assunto. E é sobre esse aspecto que pretendo escrever algumas linhas. Não se trata de qualquer estudo sistemático. Apenas quero referir-me a alguns elementos observados ao longo dos últimos meses, em torno da discussão e dos episódios envolvendo o separatismo do sul do Brasil e alguns fenômenos paralelos que tangenciam essa questão.

O que chama atenção é que atos e sobretudo posturas não racionais nem sempre partem das pessoas mais humildes ou menos cultas. Muitas vezes, temos manifestações claras nesse sentido provenientes de indivíduos que ostentam vistosos títulos acadêmicos conquistados em renomadas universidades estrangeiras e por pessoas que têm controle sobre poderosos meios de comunicação e de influenciação da opinião pública.

* Professor dos Departamentos de História da PUC-RS e da UFRGS

¹ O texto de Hobsbawm está também em Pinsky (1980).

Que Irton Marx tem idéias esquisitas, racistas, não é novidade para ninguém, mas o que me surpreendeu foi, por exemplo, um artigo de Janer Cristaldo num caderno especial sobre "separatismo" publicado por **Zero Hora** (26.6.93). Cristaldo é identificado como "jornalista, tradutor e Doutor em Letras Francesas e Comparadas pela Universidade de la Sorbonne Nouvelle/Paris". O autor, favorável ao separatismo, afirma que o Brasil já está aos "pedaços".

"Que ninguém se iluda: os latifúndios entregues de mão beijada àqueles autóctones [os ianomamis], que sequer chegaram ao preâmbulo de uma gramática, não pertencem mais ao Brasil. Os ianomamis, que vivem do ócio e da devastação da floresta amazônica, podem ter um país para uso próprio. Gaúcha, catarinense, paulista, gente que trabalha e produz, não pode sequer pensar no assunto. É crime contra a segurança nacional."

"Mal surge a idéia de separatismo — que está longe de ser nova no Rio Grande do Sul —, não falta quem fale em racismo e preconceito. Por alusão, evidentemente, aos nordestinos e nortistas, indesejados na nova comunidade. Aliás, depois das exéquias da finada luta de classes, racista é o novo insulto que substitui burguês. O que, no caso brasileiro, é duplo equívoco. Em primeiro lugar, nordestino jamais constituiu uma raça distinta da branca. Segundo, se constituísse, a ninguém se pode obrigar a dela gostar."

Apesar de leitor assíduo e entusiasta do estilo de Paulo Francis desde a juventude, considero a linguagem de Janer Cristaldo extremamente inadequada dentro desse contexto. O assunto é suficientemente melindroso para que todos nós, homens de boa vontade, sejamos comidos, para não piorar a situação.

Não há dúvida, elementos irracionais (preconceito, racismo) estão presentes no discurso e na prática de grande parte dos separatistas do sul do Brasil. Infelizmente, porém, não se pode dizer, em absoluto, que todas as vozes que se levantam contra esse mal estejam imunes a ele. Longe disso. Num pequeno artigo muito lúcido em **Zero Hora** (16.10.92), intitulado **Racismo e anti-racismo**, a Professora Zilá Bernd chamou atenção para os perigos do "anti-racismo". A lembrança foi oportuna, pois, nessa história de separatismo e adjacências, muitas vezes é difícil distinguir o que é mais forte: o racismo dos separatistas ou o "anti-racismo" dos seus adversários. Basta verificar as manifestações nas "cartas de leitores" dos jornais ou as reações à reportagem da revista **Isto É/Senhor** de 11 de dezembro de 1991 em suas edições posteriores.

Tendo em vista que o racismo e os preconceitos dos separatistas são muito conhecidos, quero trazer alguns exemplos do passado mais recente que ilustram o "anti-racismo".

Em setembro e outubro de 1992, ocorreram os famosos episódios envolvendo os *skinheads* de São Paulo, destacando-se a famosa reportagem do SBT e as pichações contra uma rádio que irradia programas dedicados aos nordestinos que trabalham na Cidade e na Região. Esses movimentos foram identificados como "neonazistas", entre outras razões, por venerarem Adolf Hitler. Na seqüência, fundou-se em São Paulo o Movimento Democrático contra o Nazismo, patrocinado pela OAB-SP e por mais 100 outras entidades. A **Folha de São Paulo** de 20 de outubro de 1992 traz uma matéria sobre a fundação desse movimento. Em meio ao texto, encontra-se o seguinte parágrafo:

"O advogado Celso Fontana, um dos coordenadores do 'Movimento Democrático contra o Nazismo', disse que latas de cerveja vazias estão sendo atiradas contra ônibus com placas de São Paulo que vão à Oktoberfest em Blumenau (SC), festa anual típica alemã. Segundo Fontana, as agressões são sempre acompanhadas de frases do tipo 'fora, paulista também é nortista!'. A organização da Oktoberfest negou ontem as informações dadas pelo advogado".

As informações dadas pelos organizadores da festa evidentemente são suspeitas. Eles devem preservar os interesses econômicos da festa e provavelmente negariam, mesmo que os incidentes tivessem ocorrido. Creio que até deve ter ocorrido algum tipo de incidente, pois, numa festa em que uma das atrações principais são enormes canecos de cerveja para que se possa beber sem restrições o referido líquido, pode acontecer muita coisa. Tentei obter informações através de várias outras fontes, mas não encontrei registro a respeito.

O que é preocupante, no caso, são o contexto e o autor da denúncia, não tanto por aquilo que foi dito, mas muito mais por aquilo que não foi dito, mas insinuado. Imagine-se essa história relatada ao microfone na reunião em que se fundava a associação de combate à ação dos *skinheads*. Qualquer pessoa presente que possuísse uma forma de pensar medianamente lógica teria concluído que o autor estava apontando para mais uma fonte de fomento do racismo dos "carecas de subúrbio" de São Paulo — nesse caso, de forma difusa, o conjunto da população de um município do sul do Brasil.

Acompanhei com certo interesse o noticiário sobre a ação dos *skinheads*, e em nenhum momento a imprensa trouxe a público qualquer evidência de que houvesse uma relação entre contingentes significativos da população do sul do Brasil com os acontecimentos de São Paulo. Lembro-me apenas da fotografia, publicada nos jornais, do meio-irmão do Senador Eduardo Suplicy, posando com um livro do Professor Voltaire Schilling sobre o nazismo. Mas quem conhece o livro e o Professor Schilling dificilmente acreditará em qualquer afinidade ideológica, política e muito menos em qualquer colaboração entre ele e o referido cidadão paulista. O que a imprensa mostrou foram ligações desses grupos com grupos semelhantes em vários países europeus. Essas ligações também são estabelecidas pela Professora Márcia Regina da Costa em sua entrevista na *Veja* de 28 de outubro de 1992, onde comenta o resultado de suas pesquisas sobre os *skinheads* para sua tese de doutorado. Mas em nenhum momento aparece qualquer referência ao fato de que o sul estivesse fomentando esse movimento. Mas para um membro do Movimento Democrático contra o Nazismo, e portanto um movimento "anti-racista", é aparentemente impossível falar ou pensar em "neonazismo" sem pressupor que todo cidadão que descende de alguém que veio do país em que Hitler pôs em prática suas brutais teorias racistas deve ter algo a ver com o "neonazismo", apareça este onde quiser.

Na mesma linha, podemos enfileirar a famosa matéria do Fantástico, da Rede Globo, sobre os separatistas do Rio Grande do Sul, apresentado em 2 de maio de 1993. Um especialista em Semiótica poderia mostrar como inclusive se fez uma montagem de imagens que certamente induziu muitos telespectadores a uma opinião tendenciosa, não só sobre os separatistas, mas especialmente sobre a população em geral. Quero dar apenas um exemplo. À determinada altura, a câmera foca o líder separatista Irton Marx em sua residência, em Santa Cruz do Sul; a seguir, a câmara gira e, num corte imperceptível para o telespectador desatento, passa a focar um grupo de jovens loiros

da cidade, dando a nítida impressão de que se tratava de um grupo que se aglomerava defronte à casa de Marx, como para aplaudir seu idolo. Essa cena dá claramente a impressão de querer mostrar o "ventre em que essa gente como Irton Marx foi gerada". Em outras partes da matéria, o texto e as imagens são praticamente explícitas em apresentar o separatismo como produto da ingratidão de uma população cujos antepassados foram recebidos "de braços abertos" pelo país que agora renegam. O Procurador da República no Rio Grande do Sul examinou a reportagem e concluiu: "A gente até pode achar que a matéria é sacana, e ela é sacana, é tendenciosa, mas mentira não tem" (Z. H., 8.5.93, p.12). É claro que uma grande rede de televisão toma suas precauções para não emaranhar-se diretamente em mentiras, mas a forma como são apresentados determinados fatos pode ter conseqüências tão ou mais desastrosas do que uma mentira. Apenas poucos telespectadores terão assistido à reportagem com um olho suficientemente crítico para descobrir que a própria matéria incorria em contradições, pois, das pessoas perguntadas na rua se eram a favor ou contra o separatismo, pouquíssimas eram loiros de olhos azuis, mas havia brancos, mulatos, negros pronunciando-se por um ou por outro lado.

Quem aparentemente não conseguiu ver a reportagem com suficiente espírito crítico foi o Ministro da Justiça. Ao final do programa, há uma cena em que o Ministro assiste à matéria num vídeo e depois se vira para a repórter com a exclamação "Mas que barbaridade!". Arrisco uma interpretação sobre esse espanto do Ministro. Ele não pode ter sido causado pela revelação da existência em si do movimento, pelas suas dimensões, nem pelas evidências de racismo, pois sobre isso a imprensa já trouxera abundante material. Recorri à reportagem de **Isto É/Senhor** de 11 de dezembro de 1991 e constatei que ali há muito mais detalhes e frases de Irton Marx, muito mais fortes do que as utilizadas no Fantástico. Com certeza, todo esse material fora examinado pelos "serviços de informação" do Ministério da Justiça e era, portanto, coisa sabida. A única coisa que pode ter levado o Ministro à exclamação de espanto "Mas que barbaridade!" é a descoberta inédita do programa de que o movimento é algo tipicamente "étnico".

O programa da Globo gerou uma imensa quantidade de comentários na imprensa nacional e até internacional. Assim, até no intelectualizado caderno **Mais**, encartado na **Folha de São Paulo** aos domingos, uma pessoa de nome Marilene Felinto (1993) publicou um artigo intitulado **Fúria Separatista se Dirige contra Negros**. Nesse artigo, a autora defende a tese de que o preconceito no Brasil é sobretudo contra os "nordestinos", criticando, inclusive, o fato de que judeus se apresentem como vítimas de preconceito. Quanto aos racistas e/ou separatistas do sul, apresenta algumas opiniões interessantes. Diz que a acusação de que o movimento separatista ameaça a "segurança nacional" "(...) não deve causar qualquer efeito na sensibilidade animalésca dos arianos do sul". Mais adiante, diz que a intenção da República do Pampa é "(...) perpetuar a monotonia loiríssima dos cabelos da gente e a farta cabeleira dos campos de trigo da paisagem sulista". Mais adiante ainda diz que já conhece essa gente desde longa data, pois um representante dessa "raça", o Siegfried Kwast, foi seu namoradinho no ginásio. Ele vinha de Santa Catarina e fazia a moça "(...) gargalhar contando piadas horrorosamente preconceituosas contra negros e nordestinos".

"Mas duvido que eu fosse conseguir, em plena escaramuça do pampa sulista, olhar para Siegfried Kwast e apenas odiar, e me esquecer de nossas gargalhadas, de nosso namoro besta. Não ia. Se ele quisesse mesmo me matar, eu viraria as costas, sairia andando, para que ele me matasse pelas costas (...)"

Na oportunidade, a autora foi apresentada como "da equipe de articulistas" e escritora, autora de, no mínimo, três livros. Em 12 de setembro de 1993, a propósito de uma extensa matéria sobre um livro de Lília Moritz Schwarcz, **O Espetáculo das Raças: Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil — 1870-1930**, Marilene Felinto comparece mais uma vez no **Mais**, com um texto intitulado **As Cores do Racismo São Muitas no Brasil**. A nova matéria contém algumas informações importantes sobre a autora, fornecidas por ela mesma. Ela é "mulata — mestiça de negro com branco e índio" e nordestina. Além disso, transita na Universidade da Califórnia, em Berkeley, pois, em setembro de 1992, nessa universidade, "(...) um aluno negro americano me perguntou (...)". Como ela mantém contatos com o pastor gaúcho João Biehl, que (casualmente sei) está fazendo Doutorado em Antropologia nos Estados Unidos, não é de todo improvável que Marilene Felinto seja Doutora em Antropologia por Berkeley, Stanford, Princeton ou Yale. Mas, mesmo que não o seja, o fato de transitar por Berkeley dá uma idéia da responsabilidade intelectual que pesa sobre seus ombros.

Pois, nesse artigo, a autora conta várias histórias. Conta a situação constrangedora vivida em São Paulo, na casa de um amigo, durante uma refeição, em função da presença dela, mulata, e da empregada negra. Recorda uma casa de gente rica em Salvador e o constrangimento causado a uma empregada negra, obrigada a servir aristocraticamente o café da manhã na cama a duas ricas lésbicas. Recorda também de Recife, na década de 60, quando seu pai lhe aplicava um "ardido" puxão de orelhas quando se referia de forma benevolente a uma família de "vizinhos escuros e miseráveis".

Em julho de 1993, resolveu fazer uma viagem de cinco dias pelo "sul" do Brasil. Em Estância Velha (RS), "na casa de um amigo", a empregada que a serviu à mesa era "loira de olhos verdes" — constrangimento. No interior de Dois Irmãos (RS), visitou a casa da família camponesa Hoffmann. "Assim que nos aproximamos, vi de perto a miséria loira e rural brasileira, a pobreza sulista escondida nas entranhas daquela serra". A casa era "(...) suja e paupérrima. Não havia banheiro nem televisão. A casa fedia, a gente fedia". Quanto às crianças da família Hoffmann: "Com aqueles cabelos de milho e olhos azuis transparentes, elas me olhavam de cima para baixo, meio acuadas, numa mistura de vontade e de medo de tocar". A mesma coisa fazia a Senhora Hoffmann. O João Biehl lhe explicou que "(...) dizem que ela é excepcional de nascença, por causa de casamentos entre parentes, muito freqüentes aqui não faz muito tempo". Quando se despediram da casa, o Senhor Hoffmann fez questão de que a filha menor, ranhenta, desse um beijo na visitante. "A criança encostou o rosto no meu, deixando um filete de catarro e dizendo 'a'"². O pobre pai — a quem provavelmente desde criança diziam que, por chamar-se Hoffmann, era, **sua** definição, uma besta racista — explicou que sua filha não tinha medo de preto, "o pretão mesmo".

² A autora explica que "fazer um azinho", isto é, dar um beijo na face e dizer "a", constitui, na cultura local, uma manifestação de carinho.

Essas experiências na serra gaúcha fizeram com que a autora acabasse fazendo uma curiosa distinção. O que vivenciara em Recife, Salvador, São Paulo era o preconceito, a discriminação, mas "(...) na serra gaúcha eu só não me senti discriminada porque me senti bicho"³.

Mas não pensem os leitores que o "anti-racismo" só brota de mentes estranhas ao Rio Grande do Sul, da mente de gente que só conhece de ouvir falar ou de rápidas "expedições antropológicas". Aliás, "expedições antropológicas" pelo Estado são coisa antiga. Lembro apenas aquela feita por Gilberto Freyre em 1940. A diferença de seus "relatórios de campo" em relação aos atuais está no fato de que estavam recheados de bom humor e constituem até hoje leitura muito gostosa.

Há, no entanto, também muitos "antropólogos" dentro do próprio "sul". Poderia contar muitos episódios. Recentemente, após um painel sobre a Revolução Federalista de 1893, por ocasião do lançamento de um livro sobre o assunto, um estudante veio cumprimentar-me pela minha exposição, na qual comparara a revolução nos Municípios de São Leopoldo e Santa Cruz do Sul. Disse-me que, graças à minha exposição, conseguira entender por que em Santa Cruz todo mundo é separatista, pois, ao contrário dos leopoldenses, os santa-cruzenses já eram fervorosos "federalistas" há um século atrás.

Outro episódio marcante aconteceu numa importante rádio de Porto Alegre. Dias depois da apresentação do famoso programa Fantástico, fui convidado para participar de uma mesa-redonda sobre o separatismo. A certa altura, um dos participantes do debate afirmou que, na sua opinião, de fato, separatismo não era coisa de gaúcho mesmo, mas apenas dos descendentes de uma determinada etnia e, por conseguinte, restrito a alguns municípios onde essa gente reside. Na seqüência, o radialista que dirigia o programa se voltou para mim e perguntou o que eu achava daquela afirmação. Respondi que a afirmação derivava de alguns indícios, mas sobretudo de uma longa tradição que atribui aos descendentes da referida etnia graus brutalmente superiores de racismo do que os vigorantes entre a população do Estado em geral. Disse-lhe que racismo, porém, era uma coisa muito complicada para ser abordada e pesquisada com graus mínimos de objetividade; que, para nós cientistas sociais, o plebiscito defendido pelos separatistas forneceria dados extremamente valiosos para uma avaliação mais científica e menos dependente de impressões pessoais, porém dificilmente mensuráveis. Mas acrescentei que, em muitos anos de pesquisa, nunca encontrei dados sérios que apontassem de forma inequívoca graus significativamente maiores de racismo entre o conjunto da população descendente da referida etnia, quando comparada com o conjunto da população "tradicional" do Estado. Sugeri um exercício nesse sentido, apresentando o Quadro 1, com os resultados das eleições de 1988 (para prefeito) e de 1990 (para governador) no tão comentado Município de Santa Cruz do Sul. Fiz os comentários que me parecem básicos. Observei, em primeiro lugar, que,

³ Desafiado pelo subtítulo do texto **Negros, Pardos e Até Imigrantes do Sul Estão na Linha de Fogo** (provavelmente colocado pela redação do jornal), esforcei-me em fazer uma leitura diferente do artigo, mas não consegui, a não ser que o estilo da autora seja tão irônico e figurativo que não tenha captado seu verdadeiro sentido. No **Painel do Lector**, da **Folha** de 16 de setembro de 1993, o Deputado Fábio Feldman protestou contra o artigo como impróprio "a um profissional com um mínimo de compromisso ético com a opinião pública"; a leitora Adriana Guimarães considerou o artigo "simplesmente brilhante", e a autora "de longe, a melhor articulista desse jornal" (FSP, 16.9.93).

na eleição de 1988, todos os candidatos a prefeito tinham sobrenomes da suposta etnia dominante no município e que o tão falado Irton Marx nesse ano contava com o apoio de apenas 0,8% dos votantes. Em segundo lugar, observei que, na eleição de 1990, havia três candidatos brancos e um negro (Collares). O que o Quadro mostra é que, no primeiro turno, apenas Marchezan obteve aproximadamente o mesmo número de votos que obtivera o candidato a prefeito de seu partido nas eleições de 1988. Os dois outros candidatos brancos tiveram significativas perdas em relação aos seus correligionários na eleição anterior, e apenas o negro Alceu Collares teve um aumento significativo de mais de 10.000 votos em relação ao candidato do PDT em 1988, votos "roubados" de seus concorrentes brancos. No segundo turno, dos votos dados no primeiro a candidatos brancos, menos de 2.000 fluíram para o branco Marchezan, pouco mais de 2.000 fluíram para a rubrica brancos e nulos, e mais de 12.000 fluíram para o negro Collares. Encerrei meu comentário, repetindo que não se baseava em impressões pessoais subjetivas, mas em dados duros, passíveis de serem submetidos a uma discussão intersubjetiva.

Quadro 1

Eleições em Santa Cruz do Sul — 1988 e 1990

PARTIDOS	ELEIÇÕES DE 1988 (prefeito)		ELEIÇÕES DE 1990			
	Candidato	Votos	1º Turno (governador)		2º Turno (governador)	
	Candidato	Votos	Candidato	Votos	Candidato	Votos
PDT	Harry Weimer	2 538	Collares	12 732	Collares	25 048
PSB	Irton Marx	565	-	-	-	-
PMDB	Roberto Künzel	18 263	Fogaça	13 017	-	-
PT	João P. Schmidt	14 390	Genro	4 655	-	-
PDS	Arno Frantz	20 549	Marchezan	20 845	Marchezan	22 430
PL	Norberto Schmidt	426	-	-	-	-
	Votos brancos e/ou nulos	7 005	Votos brancos e/ou nulos	16 133	Votos brancos e/ou nulos	18 567
	Total de votos	63 736	Total de votos	67 382	Total de votos	66 045

FONTE: TRE-RS

O radialista responsável pelo programa interveio e disse mais ou menos o seguinte: "Meu caro professor, o senhor insiste tanto em dados objetivos, mas vou contrapor aos seus dados também absolutamente objetivos". A seguir relatou que um colega radialista — apesar de não tê-lo dito, deve tratar-se de uma pessoa que não é exatamente loira — fez um estágio na rádio Deutsche Welle, em Colônia (Alemanha). Lá os outros radialistas recomendaram que não fosse visitar Hamburgo ou Berlim, pois poderia sofrer constrangimentos, inclusive físicos. "Isso também são dados absolutamente objetivos, meu caro professor", insistiu meu interlocutor. Ele não completou seu raciocínio, mas, evidentemente, na sua cabeça, constituía a mais perfeita lógica cartesiana pressupor que, se uma pessoa pode sofrer um ataque racista em Hamburgo ou em Berlim, se aproximar de Santa Cruz do Sul significa massacre certo.

Eu estava diante de um radialista com intensa programação numa das mais tradicionais emissoras de rádio de Porto Alegre. Apenas encolhi os ombros. Mas fiquei imaginando a carnificina bósnia que deverá iniciar-se na República do Pampa, no dia imediatamente posterior à proclamação de sua independência.

Bibliografia

- COSTA, Marcia Regina da (1992). Máfia de subúrbio. **Veja**, São Paulo, v.25, n.44, p.7-9, out.
- FELINTO, Marilene (1993). Fúria separatista se dirige contra negros. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 16 maio.
- FOLHA DE SÃO PAULO (16.9.93). São Paulo.
- FOLHA DE SÃO PAULO (20.10.92). São Paulo.
- ISTO É/SENHOR (1991). São Paulo: Três, n.1159.
- NAIRN, Tom et al. (1978). **Nationalismus und marxismus**. Berlim: Rotbuch Verlag.
- PINSKY, Jaime, org. (1980). **Questão nacional e marxismo**. São Paulo: Brasiliense.
- ZERO HORA (16.10.92). Racismo e anti-racismo. Porto Alegre.
- ZERO HORA (26.6.93). Porto Alegre.
- ZERO HORA (8.5.93). Porto Alegre. p.12